



A economia do Papa Francisco

N o domingo passado, o Papa Francisco referiu que “o clamor dos pobres é cada vez mais forte, mas menos escutado, já que é dominado pelo barulho dos ricos, que são cada vez menos mas mais ricos”. Por esse motivo, nesta crónica, reabordo o pensamento económico do Papa Francisco na exortação apostólica “*Evangelii gaudium*”, onde pretendeu contribuir para uma “leitura” da sociedade, que atendesse aos pobres marginalizados que não acedem ao poder político, não controlam mercados, não financiam campanhas eleitorais e não compram favores.

Considera que a economia deve contribuir para a dignidade da pessoa humana, apelando a valores como a solidariedade, a doação, a equidade, a liberdade, a fraternidade e o amor ao próximo. Para que a economia seja “a arte de alcançar uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro”, e porque “a dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar

“Devemos dizer ‘não’ a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata.”

toda a política económica”, o Estado deve, desde logo, promover a equidade. Assim, “a necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar”, porque “enquanto não forem (...) solucionados os problemas dos pobres (...) não se resolverão os problemas (...). A desigualdade é a raiz dos males sociais”.

Há que “não (...) confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” pois, infelizmente, “hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. (...) O ser humano é (...) como um bem (...) que se pode usar e lançar fora. (...) Uma das causas desta situação está na relação (...) com o dinheiro, porque aceitamos (...) o seu domínio (...)”. Aos governos deve exigir-se uma intervenção conjunta, porque a globalização difunde os atos económicos pelo mundo inteiro. “Nenhum governo pode agir à margem de uma responsabilidade comum”, porque “se queremos alcançar uma economia global saudável, precisamos (...) de um modo mais eficiente de interação que (...) assegure o bem-estar económico a todos os países.”

Em síntese, “assim como o mandamento ‘não matar’ valoriza a vida humana, também devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social’. Esta economia mata”, desejando com isso afirmar “não” ao dinheiro que governa, em vez de servir, pois antes de existir o dinheiro já existia vida e, portanto, necessidades sociais.